

Recepção de Bachelard na Itália

Carlo Vinti – Universidade de Perugia – Itália
Entrevista e tradução realizada por Celeste Ciccaroni
Apresentação por Alex Galeno

Entrevista realizada em 11 de setembro de 2003, por ocasião do Colóquio Internacional *Gaston Bachelard: razão e imaginação*, onde o Prof. Carlo Vinti apresentou o trabalho *Bachelard et la personne*.

O Prof. Dr. Carlo Vinti é Docente de História da Filosofia Contemporânea e Diretor do Departamento de Ciências Filosóficas e Lingüísticas da Universidade de Perugia, Itália. Vinti nos apresenta uma arqueologia do pensamento bachelardiano na Itália. Argumenta que, como em outros países, as primeiras discussões obedeceram a uma lógica pendular e aparentemente contraditória, isto é, Bachelard apresentado como o filósofo da ciência de um lado e, noutro, como o filósofo da imaginação. Além disso, afirma que dedicou os melhores anos de sua pesquisa envolvendo-se numa confrontação direta com Bachelard e sua idéia de “subjetividade” conhecedora.

Celeste Ciccarone (C. C.): Como você definiria o interesse de estudiosos italianos por Bachelard? Gostaríamos que pudesse desenhar um quadro da situação italiana a respeito de Bachelard, inclusive à luz das afirmações feitas durante este evento a respeito de uma receptividade de Bachelard no Brasil e na Itália mais diversificada do que na mesma França.

Carlo Vinti (C. V.): Os estudos bachelardianos na Itália têm tido desde o começo, nos anos cinquenta, um desenvolvimento rico apesar de oscilante. Paradoxalmente, poderia se dizer que a historiografia bachelardiana na Itália repete aquela situação pendular que é própria da biografia intelectual de Bachelard. Alternativamente houve interesse para o Bachelard filósofo da ciência ou para o Bachelard filósofo da imaginação. Inicialmente, nos anos cinquenta, houve interesse para o Bachelard filósofo da imaginação.

Há uma razão histórica e cultural bem precisa para isso: nos anos cinquenta na Itália ainda dominava, de um ponto de vista filosófico, o idealismo, ou melhor, o neoidealismo de matriz crociana (Benedetto Croce) e gentiliana (Giovanni Gentile), e é notório que o idealismo considerava a filosofia, não em sua valência cognitiva – sobretudo a filosofia da ciência –, mas em sua valência exclusivamente, se assim podemos dizer, prático-tecnológica. Há uma anedota lembrada pelas historiografias a respeito do Bachelard epistemólogo e de sua dificuldade de “entrar” na Itália. O editor Laterza de Bari, que foi o primeiro a publicar em 1952 *Il nuovo spirito scientifico*, lamentava-se frequentemente por ter vendido pouquíssimos exemplares da obra em questão. Nos anos cinquenta, houve assim interesse – certamente de forma não exaustiva – para Bachelard, mas para o Bachelard filósofo da imaginação. Gostaria de lembrar um belo artigo de Gillo Dorfles sobre o problema da imaginação criativa em Bachelard (*Bachelard e l’immaginazione creatrice*, na Revista “Aut Aut”, 1952), um artigo absolutamente pioneiro. Não há mais nada até o começo dos anos setenta, quando é publicada uma obra fundamental de Giuseppe Sertoli intitulada *Le immagini e la realtà. Saggio su Gaston Bachelard* (Firenze, 1971) dedicada ao Bachelard filósofo da imaginação. Uma obra, repito, fundamental não somente para a historiografia bachelardiana na Itália, mas para os estudos bachelardianos em geral. Uma obra com recorte interpretativo nitidíssimo, mas infelizmente pouco lida e citada, provavelmente “esnobada”, pelos mesmos estudiosos franceses de Bachelard. Trata-se, a meu ver, de uma das mais inteligentes leituras do Bachelard teórico da imaginação.

Mas voltamos ao tema geral. Exatamente no começo dos anos setenta, sob o impulso da investigação de Sertoli, a atenção para Bachelard se torna mais precisa e importante, e se estende também ao Bachelard epistemólogo. Aqui é dever citar, junto ao pequeno volume de Mario Castellana “*Il surrazionalismo di Bachelard*” (Napoli, 1974), ainda Giuseppe Sertoli e uma antologia sua bachelardiana, publicada em 1974, pelas Edições Bertani de Verona, intitulada “*La ragione scientifica*”. É uma antologia consistente – mais de 400 páginas –, entre as mais completas, senão a mais completa, sobre a produção epistemológica de Bachelard. A respeito de antologias bachelardianas vale também lembrar que, na mesma década, é publicada a tradução italiana da bela antologia bachelardiana – “*Epistémologie*” –, organizada na França pelo conhecido discípulo de Althusser, mas de profunda crença bachelardiana, Dominique Lecourt e, na Itália, por Francesco Lopiparo, um filósofo da linguagem. A longa introdução de Lopiparo à tradução italiana é sintomática de uma mudança, ou melhor, de uma ampliação de perspectiva. O estudioso apresenta o pensamento de Bachelard colocando-o dentro de um panorama mais amplo da epistemologia contemporânea, confrontando-o, por exemplo, com o falsificacionismo popperiano e com algumas interessantes teses da linguística contemporânea. O nome de Popper volta na confrontação com Bachelard num amplo e interessantíssimo ensaio de Marcello Pera (atual Presidente do Senado da República italiana), reconhecido estudioso da epistemologia contemporânea e do pensamento de Popper em particular (*La scienza ad una dimensione? Un esame delle epistemologie di Bachelard e Popper*, na Revista “*Nuova Corrente*”, 1974). O Bachelard epistemólogo ocupa, nas décadas de setenta e oitenta, uma posição central no panorama italiano. Em 1974, a revista “*Nuova Corrente*” dedica um número monográfico ao Bachelard epistemólogo, seguida na mesma direção, dez anos depois, em ocasião do centenário de seu surgimento, pela Revista “*Il Protagonista*”, com a cuidadosa e inteligente organização de Castellana. No número do “*Protagonista*” é publicado um ensaio –

“*L'uomo di scienza*” – que inaugura meu interesse para a epistemologia bachelardiana do ponto de vista da temática da “*subjetividade conhecedora*”, temática que não será abandonada pelo menos até o consistente – trata-se de mil páginas – “*Il soggetto qualunque. Bachelard fenomenologo della soggettività epistemica*” (Napoli, 1997). Com orgulho posso afirmar que dediquei os melhores anos de minha pesquisa me envolvendo numa confrontação direta com Bachelard e sua idéia de subjetividade conhecedora.

Nos anos oitenta, a atenção dos estudiosos italianos para Bachelard muda, ampliando a perspectiva da investigação, também impulsionada pelo acirrado debate sobre Bachelard que acontece na França, sobretudo sobre o Bachelard epistemólogo, dentro da comunidade e cultura marxista, entre Dominique Lecourt, althusseriano convicto, e Michel Vadée, expoente da cultura marxista oficial, e que tinha reconduzido a posição bachelardiana no auge do pensamento idealista. Os pontos altos da polêmica se encontram no precioso e pequeno livro de Lecourt “*Bachelard, le jour et la nuit*” (Parigi, 1974) e no complexo e pontual volume de respostas de Vadée, “*Bachelard, ou le nouvel idéalisme épistémologique*” (Parigi, 1975). Enquanto Lecourt interpreta Bachelard dentro do materialismo teórico althusseriano, Vadée, prosseguindo uma antiga tradição, e remetendo-se a um juízo consolidado na esquerda francesa – de Jacques Solomon em particular, mas também de Julien Benda –, define a epistemologia de Bachelard como idealista, dando ao conceito de idealismo epistemológico uma conotação, num certo sentido, negativa.

O volume, provocador mas inteligentíssimo de Roberto Dionisi – infelizmente falecido prematuramente –, “*Bachelard, la filosofia come ostacolo epistemologico*” (Padova 1973) foi escrito seguindo os rastros althusserianos e lecourrianos, radicalizando, até o limite, suas teses.

Um dos méritos dos estudiosos italianos desta época foi pressentir a necessidade de estudar Bachelard inserindo-o na tradição epistemológica francesa.

À luz desta exigência percebemos que a “epistemologia francesa” (e em parte aquela italiana) contemporânea possui uma espessura teórica, um vigor especulativo que muitos estudiosos, excessivamente ligados e atentos à tradição neopositivista e analítica, tinham acabado por subestimar e esquecer. Lembramos, a este respeito, um belo ensaio inaugural, publicado em 1976 por Pietro Redondi na Revista *Scientia*, e seu apreciadíssimo “*Epistemologia e storia della scienza. Le svolte teoriche da Duhem a Bachelard*” (Milano, 1978), onde os principais nós historiográficos e teóricos do pensamento epistemológico francês parecem girar em torno de Bachelard: Bachelard dobradiça entre a velha e a nova epistemologia. Naquele período também me aventurei sobre o tema preparando uma espécie de história da epistemologia em língua francesa, e focalizando tal projeto em torno do pensamento de Bachelard: C. Vinti, “*L’epistemologia francese contemporanea. Per un razionalismo aperto*” (com uma ampla seleção de textos) (Roma, 1977). Naquele texto falava de “epistemologia em língua francesa” não esquecendo, por exemplo, a aventura intelectual de Ferdinand Gonseth e de sua revista “*Dialectica*”, ou a produção de Chaim Perelman e da escola de Bruxelles. Procurava, ao final, desacreditar um mito historiográfico ainda hoje muito em voga: a epistemologia contemporânea não fala exclusivamente inglês, mas também outras línguas, francês, mas também italiano.

Como Bachelard, para a Itália poderia citar, por exemplo, Federigo Enriques, francês de adoção por razões políticas, que teve um destino marginal que somente hoje consideramos ter sido injusto. Alguns estudiosos consideram tal destino merecido, haja vista a aparente incompreensão que Bachelard, Enriques e outros, por exemplo, tiveram da lógica formal, dos desenvolvimentos formalistas do pensamento matemático. Mas permanecia e ainda permanece uma questão: por autores como Bachelard, Enriques o Vailati, uma tal incompreensão foi simplesmente suportada ou foi polemicamente desejada? Opto pela última tese. Nossos autores, polemicamente, diante do logicismo e do formalis-

mo mais exasperados, procuravam uma alternativa. Procuravam compreender o fenômeno científico na complexidade de suas dimensões lógicas, mas também históricas e psicológicas. Deste ponto de vista, a epistemologia mais recente, a chamada epistemologia histórica e relativista não descobriu nenhuma novidade.

Sintomático e revelador, a este respeito, foi o episódio acontecido em Paris, em 1935, durante o Congresso organizado pelos neopositivistas: diante de um Carnap e um Reichenbach que defendiam até a ruína de todo apriorismo e de todo transcendentalismo, Enriques reivindicava a atualidade do transcendentalismo, pelo menos do apriorismo, e da função ativa e criadora da subjetividade conhecedora no empreendimento científico. Portanto vimos, como já falei, também a epistemologia bachelardiana gira ao redor do problema da subjetividade conhecedora, ainda que uma “subjetividade qualquer”, ou seja, não imediatamente psicológica ou intuitiva, aquela subjetividade que, ao contrário, é defendida pelo Bachelard teórico da imaginação.

Na Itália, ao lado dos estudos que colocam Bachelard no centro da tradição epistemológica francesa – para tanto gostaríamos de citar também algumas preciosas contribuições de Gaspare Polizzi em “*Forme di sapere e ipotesi di traduzione. Materiali per una storia dell’epistemologia francese contemporanea*” (Milano, 1984), *De Bachelard a Serres* (Milano, 2003), e a contribuição de Enrico Castelli Gattinara, “*Tra epistemologia e storia. Un pensiero all’apertura nella Francia tra le due guerre mondiali*” (Milano, 1996) –, prosseguem estudos específicos sobre sua epistemologia. Contemporaneamente, sobretudo a partir de meados dos anos oitenta, até que uma passagem fundamental fosse realizada com a publicação do conspícuo volume de Francesco Bottuti – “*Struttura e soggettività. Saggio su Bachelard e Althusser*” (Milano, 1977) – volta a atenção para a poética da imaginação. Temos que sinalizar, a este respeito, um belo número monográfico da Revista “*Immediati dintorni*” (1989) inteiramente centrado sobre o tema em questão, e os excelentes ensaios de Giovanni Piana

reunidos no volume *“La notte dei lampi. Quattro saggi sulla filosofia dell’immaginario”* (Milano, 1988), ensaios profundos e incisivos sobre a poética bachelardiana. Certamente, nesta resenha fugaz, posso ter esquecido outros estudiosos igualmente importantes e só me resta pedir desculpas pelo esquecimento. Confirmando todavia aquilo que estava implícito na pergunta que me foi feita: os anos dos quais falei até os mais recentes testemunham um interesse rico, profundo e diversificado por parte dos estudiosos italianos para o pensamento de Bachelard, mais em geral para uma tradição epistemológica diferente, provavelmente alternativa, em relação àquela neopositivista e analítica. A riqueza dos estudos italianos sobre Bachelard não têm equivalente nem na França.

Para ilustrar tal riqueza temos que dizer ainda alguma coisa sobre as traduções italianas das obras de Bachelard. Após as lamentações do editor Laterza para os invendáveis livros de Bachelard nos anos cinquenta, as coisas mudaram. A partir dos anos setenta, a maioria dos volumes de Bachelard, começou a ser publicada em língua italiana. As Edições Dedalo de Bari publicaram quase todos os volumes sobre a imaginação, enquanto várias foram as casas editoras que publicaram a maior parte dos volumes epistemológicos. As Edições Laterza publicaram novamente, com uma nova introdução de Ludovico Geymonat e Pietro Redondi, *“Il nuovo spirito scientifico”*. Aqui é dever ser pontual: se comparamos a introdução de 1952, de Francesco Albergamo a *“Il nuovo spirito scientifico”* com aquela de Geymonat e Redondi, realizada “vinte e cinco anos depois”, percebemos como a temperatura cultural mudou completamente, como existe uma mais aguda atenção, nos anos setenta, para os problemas epistemológicos, uma apreciação mais positiva das problemáticas epistemológicas. Em relação a este tema específico, Benedetto Croce e Giovanni Gentile já fizeram seu tempo.

Retomando o fio da conversa, quase toda a produção bachelardiana já foi traduzida em língua italiana. Não faltam iniciativas louváveis, por exemplo,

sob o cuidado solícito de Francesca Bonicalzi para *“L’attività razionalistica della cultura contemporanea”* e para *“L’impegno razionalista”*. Também apreciável é a tradução de *“La formazione dello spirito scientifico”* por parte de Castelli Gattinara.

Minha única mágoa é não ter conseguido ainda traduzir *“La valeur inductive de la relativité”* que, como é notório, é a resposta polêmica ao volume de Emile Meyerson *“La deduzione relativistica”*, que pessoalmente traduzi em língua italiana (Pisa, 2000). Trata-se da única obra de Meyerson traduzida em língua italiana.

Houve uma certa superficialidade na tradução de algumas obras sobre a imaginação, mas não pretendo aqui reaquecer uma polêmica, na qual me posicionei a seu tempo. (Por que traduzir *“L’eau et les rêves”* como *“Psicanalisi dell’acqua”* quando foi o mesmo Bachelard, no volume, a vetar este título? Para o Bachelard da imaginação a água não é psicanalisável).

Como você deve ter percebido, a recepção de Bachelard na Itália é uma história complexa que, recentemente, junto a minha colega Bonicalzi, tentei contar detalhadamente e pontualmente, durante o evento *“Bachelard dans le monde”* organizado pelo “Centre Bachelard sur l’imaginaire et la rationalité” da Universidade da Borgogne. Permitam-me remeter aos Anais daquele Congresso para uma informação mais completa. Ainda, neste mesmo ano de 2003, junto a minha colega Bonicalzi, assumi a responsabilidade de organizar um Congresso bachelardiano na Itália (Cosenza, maio de 2003). Certamente os Anais deste Congresso, ao qual participaram também colegas estrangeiros – franceses, ingleses, americanos etc., virão testemunhar o atual vivo interesse que existe, na Itália, para Bachelard.

C. C.: O interesse italiano por Bachelard parece ser, pelo que você fala, circunscrito aos filósofos.

C. V.: Sim, aos filósofos e aos epistemólogos, em mínima parte aos estudiosos de história da ciência.

C. C.: Há um interesse por Bachelard por parte de psicólogos, poetas, etc.? É um interesse accidental ou trata-se de algo mais desenvolvido?

C. V.: Há um certo interesse por parte dos psicólogos. A operação das Edições Red de Como, de traduzir os volumes bachelardianos sobre a imaginação dos elementos, volumes estes incluídos numa coletânea com o título emblemático *“Immagini del profondo”*, organizada pelo psicanalista Claudio Risé, nasceu, pelo que entendi, exatamente com a finalidade de movimentar um pouco as águas nesta direção, colocando a problemática bachelardiana num contexto psicanalítico bem preciso. Alguns autores, poucos na verdade, estudaram Bachelard também deste ponto de vista. Veja sobretudo, a este respeito, o volume de *“Nevio Del Longo, Psicanalisi della conoscenza oggettiva e fenomenologia dell’immaginario. Saggio su Bachelard”* (Padova, 1987).

C. C.: Qual é a situação, na Itália, da recepção de Bachelard por parte dos cientistas sociais?

C. V.: Temos muito pouco nesta direção. Gostaria, no entanto, lembrar um belo volume de Vittorio Ancarani publicado nos anos 80, *“Struttura e mutamenti nelle scienze. L’epistemologia storica di Bachelard”* (Milano, 1981). O recorte é exatamente aquele de averiguar se o método bachelardiano poderia ser bom para o campo das ciências sociais. Ancarani é um sociólogo. Todavia, não há na Itália, nesta direção, um interesse similar àquele que se teve na França

C. C.: Portanto, Bachelard não é objeto de discussão acadêmica nas ciências sociais da mesma forma que acontece na filosofia?

C. V.: Podemos responder sinceramente que não.

C. C.: Aqui no Brasil a importância de Bachelard é significativa para o debate nas ciências sociais no nível epistemológico, para o problema da construção da ciência, para a crítica ao positivismo. Em algumas universidades brasileiras, no intuito de desenvolver

um trabalho crítico ao pensamento positivista, remete-se, em alternativa, a autores como, por exemplo, Edgar Morin, Gaston Bachelard, entre outros.

C. V.: Pessoalmente tive a idéia de ligar a epistemologia de Bachelard com a epistemologia da complexidade de Edgar Morin, mas a tentativa ficou num nível embrionário, criativo, mais na prática didática do que nas publicações, mais como estímulo para orientação de monografias de graduação e de teses de doutorado do que para ensaios para publicação. Foi coletado muito material nesta direção, mas ainda está à espera de uma elaboração mais precisa.

Temos que dizer que sobre a relevância sociológica das teses bachelardianas, ou melhor, sobre a possibilidade de fazer das teses bachelardianas chaves de leitura de ordem sociológica, a meu ver, a cautela nunca é excessiva. A menos que não se faça uma sociologia da “cidade científica” que, como é notório, para Bachelard, é a única possível de um ponto de vista epistemológico. A cidade científica, a comunidade dos pesquisadores, por Bachelard, encontra-se às margens, nitidamente separada da cidade social propriamente dita. É possível ver Bachelard como sociólogo da cidade científica, mas não da sociedade civil em geral. Bachelard, deste ponto de vista, não pode ser confundido com Kuhn, com o Kuhn de *“La struttura delle rivoluzioni scientifiche”*, obra na qual as problemáticas sociológicas nos parecem estar mais presentes, pelo menos como perspectiva heurística.

C. C.: Poderia-se dizer que a influência cultural do Renascimento na Itália teve um certo peso no interesse para o Bachelard da imaginação? Sem dúvida, há diferenças entre a França e a Itália em relação ao modo de tratar a questão da imaginação. O movimento do Renascimento, o humanismo e a imaginação podem ser considerados componentes de uma tradição mais sensível ao pensamento bachelardiano?

C. V.: É uma pergunta difícil e complexa, merece uma resposta ponderada. Gostaria de pensar mais um pouco nisso. Sou, todavia, bastante cético. Lembro-me que Jean-Claude Margolin falou de um

“*Bachelard à l'écoute de la Renaissance*” (1981), mas, a meu aviso, o humanismo renasce, na relação intrínseca em que coloca razão e imaginação, na mesma idéia unitária de homem e do saber – *philosophia premissa* – parece muito distante da sensibilidade bachelardiana. Deste ponto de vista, apesar da aclamada epistemologia não-cartesiana, Bachelard é cartesiano até o osso, moderno, dualista, intransigente na separação entre razão e imaginação, entre a razão (matemática) e todo o resto.

C. C.: Pensava num gancho, como se a tradição do Renascimento pudesse ser um berço no qual o pensamento de Bachelard tivesse a possibilidade...

C. V.: Não acredito. Uma visão poética do homem, com a idéia da terra como *regnum hominisi*, isto pode ser, para o resto não acredito. Bachelard não compartilha a idéia unitária da cultura. Foi definido como um *Giano bifronte*: exatamente porque, para ele, a única unidade possível é aquela da coexistência-exclusão dos contrários, a unidade possível no movimento simétrico e alternado de razão e imaginação, sem nenhuma definitiva conciliação. Esta é a única unidade possível. Marcuse está errado em fazer de Bachelard um dos mais intransigentes defensores do “homem a uma dimensão”, todavia não se pode considerá-lo promotor da unidade complexiva do homem na pluralidade das suas dimensões. O homem bachelardiano, Bachelard mesmo, não pertence ao Renascimento. Para ele, mas quem sabe por todos nós, a modernidade não passou em vão.

C. C.: Tanto na visão de homem como no impulso à imaginação.

C. V.: Isto pode ser. Se a imaginação renascentista pode ser ligada à imaginação romântica, sim. Esta imaginação produtiva mais do que reprodutiva, pode certamente ser vista como o fio condutor que liga seguramente Bachelard aos românticos – lembramos que ele foi leitor atento da obra de Albert Béguin, “*L'âme romantique et les rêves*” – e provavelmente dos filósofos renascentistas. Mas aqui o discurso se torna

complexo e cheio de incógnitas. Diria coisas genéricas e banais numa entrevista que coloca interrogações nem um pouco genéricas e banais.

C. C.: Um dos marcos culturais da Itália é a reflexão histórica, o historicismo. Poderia se dizer que, da mesma forma que houve uma resistência a uma epistemologia que não fosse de uma lógica formal, o historicismo italiano poderia ter representado uma outra barreira para a historicidade pensada por Bachelard?

C. V.: Seguramente, já falei a respeito disso. O historicismo idealista constituiu uma barreira em relação à epistemologia e, portanto, em relação a Bachelard. Aquela de Bachelard tem sido definida, há tempo, como epistemologia histórica, por Sertoli, Redondi, Ancarani. Todavia me parece que é preciso ser firme ao que segue: a historicidade bachelardiana, sua mesma idéia de epistemologia histórica, tem pouco a ver com a historicidade idealista de um Benedetto Croce ou de um Giovanni Gentile. Certamente, se nos remetemos ao notório ensaio “*L'attualità della storia della scienza*”, onde Bachelard afirma que a história da ciência é essencialmente atualização do passado, releitura da ciência do presente, nos encontramos diante de um idealismo inflexível, de uma perspectiva de absoluta normatividade do pensamento. Duvido que tudo isso tenha a ver com a tradição historicista italiana, aquela que, de Croce, remonta até Vico. Como a seu tempo observava Paolo Rossi, o maior historiador do pensamento científico na Itália, o historicismo atual bachelardiano arrisca verdadeiramente ser um historicismo sem história. Frente a tradição historicista italiana, Bachelard é contemporaneamente demais, e pouco demais historicista. Mas este discurso nos leva muito longe.